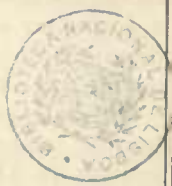


H. S. 11407

OFFERTA
70

O
MOVIMENTO OPERARIO
BRITANNICO

E
A GUERRA.



B.68738

LONDRES :
NA TYPOGRAPHIA DE
EYRE E SPOTTISWOODE, LTD.

1914.

O MOVIMENTO OPERARIO BRITANNICO E A GUERRA.

O MOVIMENTO operario da Grã Bretanha representado pelo partido operario e as organizações das uniões obreiras tem demonstrado de uma forma precisa e definida, tanto por discursos como por actos, qual a sua posição em referencia á guerra. Todavia como nem sempre tenha sido bem interpretada a attitude do movimento para com a presente guerra, isto devido principalmente á reproducção neste e outros paizes, de asserções desvirtuadas e muitas vezes inteiramente falsas, vimos delarar de uma vez para sempre, para esclarecer estas duvidas, qual tenha sido a politica do partido, porque é que ella foi adoptada e o que o movimento tem feito para pôr a sua politica em practica.

O movimento operario Britannico foi sempre apologista da paz. Durante a ultima decada fez esforços especiaes para crear relações amistosas entre os povos da Allemanha e Grã Bretanha. Foram enviadas deputações de representantes operarios com mensagens de saudações carinhosas atravez do Mar do Norte, a despeito dos obstaculos que existiam contra a solidariedade internacional operaria. Por sua vez, os chefes operarios Allemães incumbidos de identicas missões tem sido hospitalciramente recebidos neste paiz pelos trabalhadores organizados. Começava a desenvolver-se uma esperança de que desta troca de cortezias viesse a desenvolver-se um entendimento pacifista e permanente entre as duas nações.

Esta esperança foi porem destruida, pelo menos por certo tempo, graças á acção prémeditada do soberano do imperio militar da Allemanha. A recusa da Allemanha á proposta feita por Inglaterra para uma conferencia das potências Europeas onde se tratasse da contenda entre a Austria e a Servia, o arrogante e peremptorio ultimatum á Russia e os rapidos preparativos para invadir a França, tudo indica que a casta militar Allemã estava resolvida a fazer guerra se o resto da Europa não pudesse ser intimidado a submeter-se por outro meio. A indesculpavel violação da neutralidade da Belgica provou que nem sequer a honra nacional e boa fé podiam intervir entre a Allemanha e a realização da sua ambição de se tornar a potencia militar dominante da Europa tendo o Kaiser como dictador sobre todas.

O partido operario na Camara dos Communs enfrentado por esta situação, reconheceu que a Grã Bretanha, tendo exgotado os recursos da diplomacia pacifista, se achava empenhada por dever de honra bem como pela fé dos tratados a resistir á mão armada contra a aggressão da Allemanha. O partido ficou convencido que se a Inglaterra não tivesse cumprido com as

suas promessas á Belgica e se tivesse posto de fora, teria sido provavel a victoria do exercito Allemão e a victoria da Allemanha significaria a morte da democracia na Europa.

As aspirações das classes obreiras para maior poder politico e economico seriam refreadas, embaraçadas e esmagadas, como o tem sido no Imperio Germanico. As ideas democraticas, não se podem desenvolver em um estado onde domina o militarismo e o estado militar com uma classe proletaria subserviente e sem força é o ideal politico reconhecido da casta dominante Allema.

Portanto, o partido operario como representante dos elementos mais democraticos da nação Inglesa prestou o seu apoio no parlamento ás medidas necessarias para este paiz poder sustentar a lucta efficaamente. Cooperou na tarefa de levantar um exercito bastante poderoso para attender ás necessidades nacionaes, tomando parte na campanha recrutoradora organizada pelos diversos partidos parlamentares. Membros do partido tomados parte em numerosos comicios em todo o paiz, para este fim e todo o machinismo central do partido foi posto á disposição da campanha recrutoradora. Este procedimento foi calorosamente apoiado pela commissão parlamentar do congresso das uniões obreiras que representa a maioria sobrepujante dos unionistas obreiros do paiz. A commissão em um manifesto sobre a guerra, diz :

Outro factor que se deve ter presente nesta crise da historia de nossa patria, e o mais importante de todos no que diz respeito uniões obreiras e o trabalho em geral, é que do resultado da lucta em que este paiz se acha envolvido depende a preservação e manutenção de governo livre e sem peias que nas suas relações internacionaes tem sido reconhecido no passado (e inquestionavelmente o será no futuro) como a melhor garantia da preservação da paz mundial.

Basta a idea dos methodos arrogantes e brutaes a que o povo tem de submeter-se sob um governo dominado por uma autoeracia militar e de se ter de viver, por assim dizer, constantemente sob a ameaça e sombra da guerra, despertar o entusiasmo da nação com o fim de resistir a qualquer tentativa de impor condições semelhantes em paizes actualmente livres do despotismo militar.

Vivam as instituições livres de todos os paizes governados democraticamente !

A politica do movimento operario Inglez foi dictada pelo ardente desejo de salvar a Grã Bretanha e a Europa dos males que se seguiriam ao triumpho do despotismo militar. Sem que a potencia que saqueou e ultrajou a Belgica e os Belgas e envolveu quasi toda a Europa nos horrorosos sofrimentos e miseria da guerra, seja batida não pode haver paz. Enquanto o conflicto durar, a Inglaterra tem de ser apoiada por dentro e por fóra, combatentes e não combatentes tem de ser auxiliados

até a última palavra. O movimento operario tem cumprido e cumprirá a sua parte deste dever supremo nacional, consêio do que não de gorar os methodos e doutrinas brutaes do militarismo Allemão. Quando chegar a hora de se discutirem as condições da paz o movimento operario prestará, como sempre, o seu coneurso para se chegar a um accordo internacional entre todos os paizes civilizados para que as divergencias e mal entendidos futuros possam ser liquidadas não a canhões de tiro rapido mas sim por arbitragem.

Assignados :—

- Right Hon. W. ABRAHAM, M.P., South Wales Miners' Federation.
- G. N. BARNES, M.P., Amalgamated Society of Engineers.
- J. R. CLYNES, M.P., President of the Gas Workers' and General Labourers' Union.
- W. CROOKS, M.P., Coopers' Trade Union.
- C. DUNCAN, M.P., General Secretary of the Workers' Union.
- F. W. GOLDSTONE, M.P., Teachers' Association.
- F. HALL, M.P., Yorkshire Miners' Federation.
- J. G. HANCOCK, M.P., Nottingham Miners' Federation.
- A. HENDERSON, M.P., Chairman of the Joint Board representing the Trades Union Congress, the General Federation of Trade Unions, and the National Labour Party, and President of the Iron Founders' Trade Union.
- J. HODGE, M.P., General Secretary of the Steel Smelters' Trade Union.
- W. HUDSON, M.P., Agent to the Railwaymen's Union.
- J. O'GRADY, M.P., Furniture Trade Union Federation, and Chairman of the General Federation of Trade Unions.
- J. PARKER, M.P.
- G. H. ROBERTS, M.P., Typographical Association.
- T. RICHARDS, M.P., Secretary of South Wales Miners' Association.
- A. SMITH, M.P., Textile Workers' Federation.
- J. E. SUTTON, M.P., Lancashire and Cheshire Miners' Federation.
- W. THORNE, M.P., General Secretary of the Gas Workers' and General Labourers' Union.
- J. H. THOMAS, M.P., Assistant Secretary Railwaymen's Trade Union.
- R. TOOTHILL, M.P., Secretary of the Machine and General Labourers' Union.
- STEPHEN WALSH, M.P., Member of the Executive of the Miners' Federation of Great Britain.
- G. J. WARDLE, M.P., Editor of the *Railway Review*.
- A. WILKIE, M.P., General Secretary of the Ship Constructors' and Shipwrights' Association.
- W. T. WILSON, M.P., Amalgamated Society of Carpenters and Joiners.
- JOHN WILLIAMS, M.P., South Wales Miners' Federation.

- W. S. SANDERS, Secretary, Fabian Society.
 W. F. PURDY, Shipwrights' Society.
 THOS. GREENALL, J.P., President, Lancashire and Cheshire
 Miners' Féderation.
 H. TWIST, J.P., Lancashire and Cheshire Miners' Federa-
 tion.
 TOM FOX, President, Manchester Trades Council.
 A. G. WALKDEN, Railway Clerks' Association.
 Alderman W. HOUSE, J.P., President, Durham Miners.
 VERNON HARTSHORN, Miners' Agent.

*On behalf of the Parliamentary Committee, Trades Union
 Congress.*

- J. A. SEDDON, Shop Assistants' Union, President of the
 Trades Union Congress Parliamentary Committee.
 W. J. DAVIS, J.P., Secretary of the National Brass Workers'
 and Metal Mechanics' Trade Union.
 C. W. BOWERMAN, M.P., Secretary of the Trade Union
 Congress of Parliamentary Committee.
 A. EVANS, Secretary of the Printers' Warehousemen and
 Cutters' Trade Union.
 H. GOSLING, Member of London County Council and
 Secretary of the Watermen and Lightermen Trade
 Union.
 J. HILL, Secretary of the Boiler Makers' and Iron and Steam
 Ship Builders' Trade Union.
 J. JENKINS, Agent for the Ship Constructors' and Ship-
 wrights' Association.
 W. MATKIN, General Secretary of the General Union of
 Carpenters and Joiners.
 W. MOSSES, General Secretary of the Pattern Makers' Trade
 Union.
 J. W. OGDEN, President of the Amalgamated Weavers'
 Association; Member of the International Textile
 Workers' Committee.
 J. SEXTON, Secretary of the Dockers' Labourers' Trade
 Union.
 A. SMITH, Agent of the Vehicle Workers of the London and
 Provincial Union of Vehicle Workers.
 H. SMITH, Agent of the Miners' Féderation.
 J. B. WILLIAMS, General Secretary of the Amalgamated
 Musicians' Union.
 J. E. WILLIAMS, General Secretary of the Railwaymen's
 Union.

General Féderation of Trade Unions.

- JOSEPH CROSS, J.P., General Secretary of the Amalgamated
 Weavers' Association and Secretary of the Textile Fac-
 tory Workers' Association.

JAS. CRINION, J.P., President of the Card and Blowing Room Operatives' Trade Union.

J. N. BELL, J.P., Secretary of the National Union of Labour.

BEN COOPER, Secretary of the Cigar Makers' Association.

Councillor T. H. GWYNNE, Secretary of the Tin and Sheet Millman's Society.

BEN TILLET, General Secretary of the Dock and Riverside Workers.

Councillor T. MALLALIEU, Secretary of the Journeymen Felt Hatters' Trade Union.

W. MARSLAND, J.P., General Secretary of the Operative Cotton Spinners' Association, and Member of the International Textile Workers' Committee.

Councillor A. SHORT, Boiler Makers' and Iron and Steel Ship Builders' Society.

T. F. RICHARDS, General President of the Boot and Shoe Operatives' Trade Union.

JOHN TAYLOR, J.P., Secretary of the Midland Counties Trade Federation.

W. A. APPLETON, General Secretary of the General Federation of Trade Unions.

FEDERAÇÃO GERAL DAS UNIÕES OBREIRAS.

Hamilton House, Bidborough Street, Londres, W.C.

AS UNIÕES OBREIRAS E A GUERRA.

Manifesto aos seus Membros e ás suas Afiliações na Europa e America.

TANTO na Allemanha e Austria como nos estados neutraes da Europa e America são persistentes as tentativas que se estão fazendo para deturpar a attitude do movimento obreiro Britanico para com o Governo e em presença da crise porque a Europa está passando. Tem se colligido extractos de discursos e recortes de jornaes tirando-se conclusões que não podem ser justificadas pelos factos e que não representam a opinião real do movimento das classes laboriosas Britannicas.

Nestas circumstancias, uma organização tal como é a Federação Geral das Uniões Obreiras que representa e em grande medida se acha interessada na estabilidade financeira de 1,006,904 obreiros unionistas deve remover toda e qualquer duvida concuernte á sua propria posição e intentos.

Nenhuma outra forma melhor para o inicio desta tarefa do que affirmando que se acha e sempre se achou ao lado da paz, tanto internacional como industrial. Tem consistentemente

procurado desenvolver a fraternidade entre povos de diferentes nacionalidades; logo de principio se identificou com o movimento da união obreira internacional, assistiu aos seus congressos, contribuiu para o seu costeio e procurou estender a sua influencia. A Federação geral e seus membros achava-se possuida de fé ardente e intensa nos interesses communs da humanidade laboriosa e determinação em os fazer progredir, enquanto que por outro lado a possibilidade de guerra era considerada como que a sombra de una catastrophe indescriptivel.

A Federação não alimenta illusões acerca da consequencia da guerra ou da quota que aquelles enja elasse ella representem de supportar e ao submetter a sua posição perante o mundo, só é movida do desejo de evitar malentendidos e obter consideração nacional efficaz e regulamentada para todos os interesses que ella representa directa ou indirectamente.

A analyse completa e discussão das causas da guerra e a responsabilidade de quem a fez rebentar, são factos alheios aos intentos da Commissão Administrativa. Basta que de momento digamos que na opiniao de milhões de unionistas obrceiros não é á politica ou conducta da Grá Bretanha que se deve a responsabilidade da guerra.

Esta opinião tem o apoio do nosso lado de testemunho documentario e do facto de não estarmos preparados e do lado contrario pela liugnagem dos seus soldados, estadistas e pedagogos e sua terrivel e immediata capacidade em descarregar golpes efficazes e aterradores.

Desta capacidade em descarregar golpes, tem dado continuo testemunho a prensa mundial desde o principio de Agosto. A tenção de ferir quando e onde quer que se offereça oportunidade tem sido franca e geralmente apresentada e facilitada pelo facto de que o exercito Allemão se acha de facto sempre mobilizado.

As seguintes citações de escriptores Allemães representam não simplesmente as opiniões de Bernhardi e as doutrinas de Treitschke, como tambem as consideradas conclusões da secção dominante de seus compatriotas.

“A idea de que a nação fraca deva ter o mesmo direito á vida que as nações poderosas e vigorosas representa uma usurpação presumçosa das leis naturaes do desenvolvimento.”

VON BERNHARDI.

“O nosso povo (os Allemães) devem aprender a reconhecer que a manutenção da paz nunca pode ser o objectivo de uma politica.”

VON BERNHARDI.

“Taes theorias só servem para disseminar por uma forma muito clara a noção falsa e ruinosa que a manutenção de paz é o ultimo objecto ou pelo menos o principal dever de nossa politica. A taes modos de ver, producto de uma falsa humanidade deve dar-se a resposta clara

e definitiva que em dadas circumstancias não só é justo como também o dever moral do estadista, provocar uma guerra.”

VON BERNHARDI.

De Frederico o Grande diz-se “Nenhuma das campanhas em que se achou empenhado foi promovida por outros e nenhuma dellas addiou enquanto lhe foi possível. Sempre resolveu ser o aggressor para se anticipar aos seus adversarios e garantir para si a perspectiva favoravel de successo.”

VON BERNHARDI.

“Os actos do Estado não podem ser julgados pelo padrão da moralidade do individuo. O fim e objectivo de um Estado é o poder e quem não tiver hombridade bastante para encarar de frente esta verdade, que ponha de parte a politica.”

TREITSCHKE.

“Foi a guerra que firmou os alicerces do poder da Prussia.”

VON BERNHARDI.

“No negocio da guerra os homens não devem olhar para os morticinios, batalhas, incendiamentos e marchas devem olhar para o negocio da guerra com olhos de homens. Ver-se-ha que é um negocio divino em si e tão preciso e necessario ao mundo, como o comer e beber ou qualquer outro trabalho.”

LUTHER.

Estas asserções dispensam commentarios, a sua significação é evidente e a sua influencia ficou bem demonstrada em Louvain e Rheims. Quanto aos preparativos de guerra é difficil e mesmo futil para um espirito não militar o dissertar mas ainda mesmo para um espirito não militar a actividade febril dos homens que durante Junho se moviam trabalhando como outras tantas fornigas nas linhas estrategicas de caminhos de ferro da Allemanha, tinha uma significação sinistra e augmentava a impressão de que por muito pacifistas que fossem os desejos do povo Allemão os seus senhores estavam já decididos a que houvesse guerra.

É evidente que a immediata participação da Inglaterra não era desejada nem esperada e a sua vez teria sido addiada com satisfação. Mas a lealdade para si propria, para com as suas melhores tradições e obrigações dos tratados tornaram impossivel a abstenção, do conflicto, e hoje o seu povo e com especialidade as classes laboriosas, estão decididos não só a supportar a neutralidade da heroica Belgica, como também a honra das nações e a inviolabilidade dos tratados.

Uma vez envolvida em tal guerra, o dever do movimento destacava-se claramente. Tornou-se necessario, aparte todas as

considerações pessoais de amizade, oppor a mais implacavel resistencia ao aggressor e fazer todo o sacrificio necessario para fazer chegar a guerra a conclusão definitiva e honrosa, juntar-se a outros para dar o mais amplo provimento a esta politica e cuidar em que as circunstancias politicas em fermento fossem applicadas para desenvolver e alargar a vida e perspectiva nacionaes e com especialidade para insistir em que as incapacitações economicas e moraes da guerra não venham a recahir exclusivamente sobre os hombros dos pobres.

Inspirados de sincero amor patrio pediram os chefes do povo á virilidade de que eram representantes, o maior dos sacrificios. Procedendo por esta forma não eram animados do desejo de despertar ou desenvolver animosidades raciaes, existia porem uma resolução firme de evitar neste paiz os ultrages de mulheres e creanças e os morticinios e incendiamentos que tem assolado a Belgica e o Norte da França.

Não menos imperiosos do que os problemas de defeza nacional são os problemas que affectam a vida politica e economica do Estado durante a guerra e que continuarão a affectal-o muito depois de esta terminada. Tomal-os em consideração não implica hostilidade ou ausencia de patriotismo indica apenas previsão e desejo de fazer redundar as extraordinarias circunstancias da guerra em proveito nacional. Alguns dos problemas que affectavam os serviços de transporte e publicos foram tratados em bases communaes. Devido ás exigencias da guerra o governo assumiu a direcção das linhas ferreas e fixou os minimos preços para os generos alimenticios, as impossibilidades de annos tornaram-se realidades em uma hora quando a alternativa era a deshonra nacional. As lições aprendidas na hora de perigo não devem passar de balde, mas sim ser aperfeiçoadas devendo combater se a todo o transe o regresso a methodos archaicos. Se as linhas ferreas em condições anormaes de guerra, podem ser administradas, coordenadas e exploradas nacionalmente com efficacia, com muito mais facilidade o podem ser nos tempos normaes de paz.

A guerra forçou o governo a dar effeito practico á admissão de ha muito feita verbalmente de que o estado era responsavel pela eficiencia physica de suas unidades e planejaram-se medidas de auxilio. A commissão administrativa está certa que taes medidas são inteiramente inadequadas e não podem solver a situação. A Commissão Administrativa insiste igualmente em que os trabalhos de auxilio o sejam tambem de utilidade.

Nada desanima tanto o homem como o ver que seu trabalho não tem valor intrinseco ou uso; nada infecta tão sensivelmente o pseudo "auxilio" como o estygma de pauperismo. O pamphleto sobre "Falta de Trabalho" publicado pela Commissão Administrativa em 1911 alvitra exemplos de trabalho util e co-ordenado.

O governo pagou pelos objectos materiaes de que carecia para a guerra, alargou o seu auxilio finaceiro e credito aos Bancos

e empresas privadas e seria proceder illogicamente se hesitasse em attender ao pedido de pagamento pelo elemento humano sem o qual não pode haver estados nem fazer-se guerras. Necessariamente uma vez que o elemento humano se colloca voluntariamente á disposição do Estado o dever de qualquer Governo é pagar este serviço, pelo menos com as mesma equidade com pagaria pelo seu carvão e trigo.

A Grã Bretanha é o paiz mais rico do mundo, no entanto depende em grande medida da caridade para o cuidado e esforço dos seus soldados e marinheiros licenciados. O maior esforço que até, aqui se tem feito neste sentido é absolutamente inadequado; a propria subscripção "Prince of Wales' Fund" grande como parece para o que não pensa, apenas servirá para aliviar uma pequenissima parte da miseria que já existe. Nesta guerra os homens no topo da escala social tem sacrificado as suas vidas com desprendimento seria falta de generosidade regatear lhes justiça e não exprimir o nosso apreço pela sua bravura e dedicação. O obreiro tambem accudindo ao appello de sua patria tem largado o seu trabalho e lar, está contribuindo com a sua parte e fazendo-o expontaneamente; ha porem uma grande parcentagem da classe abastada cujas contribuições principaes durante esta erise tem constado de critica e conselhos. São estes os que devem ser obrigados a contribuir e a contribuir com regularidade e em proporção aos seus meios. Se fosse possivel exigir-se metade dos lucros augmentados, do anno passado, sobre a industria e commercio, por meio de um imposto de rendimento especial a totalidade de todos os "fundos voluntarios" ficaria na sombra e ter-se hia conseguido a base de um fundo practico.

É necessario que desde já se remova da regiões de acaso a caridade, os interesses dos soldados e seus dependentes. Desde tempos remotos que os escriptores e poetas vem vindo cantando louvores aos soldados, exaltando os seus sacrificios e glorificando suas proezas. Os tempos são outros e hoje ha que contar com o movimento operario descontente com o simples exforço vocal e dotado de bastante poder e bom senso tambem para poder ver que o soldado recebe mais do que adulação em vida e louros depois de morto. Deixal-o ou os seus dependentes ao cuidado da caridade, é indigno de uma grande nação. Methodos inquisitoriaes e exforço voluntario devem ceder logar á escala especifica de pagamento e fiscalização propria do Estado.

Deve instar-se pela reforma no Exercito, sobretudo com vista ao augmento de pret e facilidade de promoção desde as fileiras. Um minimo immediato de Il. por semana não é demasiado pedir para soldados ou marinheiros inteira ou parcialmente incapacitados por feridas ou doenças contrahidas em serviço activo. Ha tambem necessidade de tratamento mais humano para os dependentes dos homens que morrem de doenças da mesma forma contrahida, pouco depois de licenciados. O facto

de taes reformas eustarem dinheiro não deve servir de impedimento para sua instituição. Acreditamos no exereito voluntario ; contamos que deve eustar mais por cabeça do que quando obtido por conscripção ; acreditamos tambem que as relações do exereito para com as necessidades do estado precisam de ser re-organizadas e uma Commissão Real incluindo representantes do Trabalho com conhecimentos pessoases e em primeira mão, das condições do trabalho e suas necessidades, deve ser nomeada nesta conjuntura.

A co-ordenação das instituições de caridade e fundos para socorros existentes, torna-se imperiosa. Muito é o que se tem já feito em Londres para evitar desperdicios e duplicação, consequencia da multipliceidade de organizações, muito é porem o que ainda falta fazer e que será feito melhor e por forma muita mais sympathica, se o Trabalho organizado nelle cooperar.

Entre as associações voluntarias que com justiça tem direito a consideração neste momento, oocupam as Uniões obreiras lugar de destaque. Algunas tem feito exforços soberbos para fazer face a miseria consequente da falta de emprego ; não podem porem continuar com seus desembolsos infinitamente. As contribuições e beneficios foram ealculados sobre uma base de paz. Nunea proeuraram obter, nem o teriam obtido se tal tivessem tentado, contribuições iguaes ás occasionadas por una grande guerra. A "débâcle" de seus exforços significaria mais alguma coisa do que humilhação das Uniões obreiras e bancarrota ; seria um desastre nacional. Tem sido promettidos e dado subsidios. Estes devem ser extendidos e augmentados e onde quer que as uniões obreiros tenham valores de não facil realisação, devem ser estes adquiridos pelo Estado havendo pedido, dando-se o seu equivalente em dinheiro ás Uniões.

A doença e incapacitação que devem seguir-se á guerra virão perturbar o equilibrio actuario das sociedades mais conceituadas e estas devem combinar entre si para se defenderem do desastre que as ameaça, a não ser que o estado tome a si, pelo menos a parte do onus occasionado pela guerra.

Com o intuito de promover todos estes objectivos a Commissão Administrativa está prompto a agir com todas forças e influencia de que dispõe e acceta a cooperação de todas as pessoas ou organizações que desejem realizar os objectivos que ficam expostos. Ao explicar a sua posição e fazer valer os direitos do povo, deseja evitar os desvarios do Chauvinista e a mesquinhez do negociante que regateia emquanto a morte se aeha a porta ; só falla no desempenho do seu dever e está certa da cooperação dos que foram responsaveis pela sua eleição. Não lhe passam desaperecidas as suas obrigações para com os obreiros de ontros paizes e alimenta a esperanza de que com a destruição da casta militar Prussiana, que ha 40 annos trabalha para a guerra, se possam renovar as amizades e exforços



internacionaes; mas neste momento todos os seus deveres se concentram na patria.

Assignado pela Commissão Administrativa:—

- J. O'GRADY, M.P. (Chairman), Furnishing Trades' Association.
 JOSEPH CROSS, J.P. (Vice-Chairman), Northern Counties Weavers.
 JOHN WARD, M.P. (Treasurer), Navvies, Builders and General Labourers.
 JAS. CRINION, J.P. (Trustee), Amalgamated Card and Blowing Room Operatives.
 ALLEN GEE, J.P. (Trustee), Yorkshire Textile Workers.
 Councillor ALEXANDER WILKIE, J.P., M.P. (Trustee), Associated Shipwrights.
 J. N. BELL, J.P., National Amalgamated Union of Labour.
 BEN COOPER, Cigar Makers' Mutual Association.
 Councillor IVOR H. GWYNNE, Tin and Sheet Millmen.
 BEN TILLET, Dock, Wharf and Riverside Workers.
 Councillor T. MALLALIEU, Amalgamated Felt Hatters' Union.
 W. MARSLAND, J.P., Amalgamated Cotton Spinners.
 Councillor A. SHORT, Boilermakers and Iron and Steel Shipbuilders.
 T. F. RICHARDS, Boot and Shoe Operatives.
 JOHN TAYLOR, J.P., Midland Counties Federation.

W. A. APPLETON, Secretary.

CONGRESSO DAS UNIÕES OBREIRAS COMMISSÃO PARLAMENTAR.

General Buildings, Aldwych, Londres, W.C.

MANIFESTO

AOS UNIONISTAS OBREIROS DO PAIZ.

Aos funcionarios e membros das sociedades afiliadas.

SENHORES,

A COMMISSÃO parlamentar do congresso das uniões obreiras em reunião celebrada hontem, tomou em consideração a grave posição creada pela guerra Europea e o dever que aos unionistas obreiros, com a comunidade em geral, lhes cabe a si e ao paiz de que são eidadãos.

Foi com especial agrado que observou a maneira pela qual o Partido Operario na Camara dos Communs correspondeu ao appello feito por todos os partidos politicos para prestarem a sua

cooperação em conseguir o recrutamento de homens para defender os interesses do seu paiz e cordialmente apoiou a nomeação para a commissão de reerutamento parlamentar, de quatro membros do partido e a disposição dos serviços do Agente Nacional ás ordens dessa Commissão para coadjuvar os seus trabalhos seeretariaes.

A Commissão parlamentar acha-se convencida que, pelo que diz respeito á nossa patria, deve ter-se em conta um factor importante na actual contenda Europea, isto é, que na contingencia de falhar o systema voluntario de serviço militar no paiz, nesta hora de necessidade, não só será exigido com dobrado vigor o systema nacional de serviço militar obrigatorio, como é possivel que se torne essa exigencia tão forte e persistente que se lhe não possa resistir. A perspectiva de se ter de fazer face á conseripção com o seu permanente e pezado gravame sobre os recursos financeiros do paiz e o seu effeito egualmente oneroso sobre quasi todas as industrias, deve servir de estímulo bastante, para a virilidade do paiz se apresentar em sua defeza e dessa forma demonstrar ao mundo que um povo livre sabe erguer-se ás culminancias de um grande sacrificio, sem o latigo da conseripção.

Ha ainda outro facto nesta crise da historia de nossa nação que se deve ter presente e o mais importante de todos no que diz respeito ás uniões obreiras e o trabalho em geral, e é, que do resultado da lueta em que este paiz se acha envolvido, depende a preservação e manutenção de governo livre e sem peias que nas suas relações internacionaes no passado tem sido reconhecido (e inquestionavelmente o será tambem no futuro) como a melhor garantia da sustentação da paz mundial. Basta a idéa dos methodos arrogantes e brutaes a que o povo tem de submetter-se sob um governo dominado por uma autocracia militar e de se ter de viver por assim dizer constantemente debaixo da ameaça e sombra de guerra, para despertar o entusiasmo da nação com o fim de resistir a qualquer tentativa de impor semelhantes condições em paizes actualmente livres do despotismo militar.

Se porem os homens tem um dever a eumprir no interesse commum do Estado, este por sua vez tem obrigação, de para com elles fazer sacrificios para a defeza e sustentação de sua honra.

Os cidadãos que são chamados a voluntariamente abandonar os seus empregos e lares com o fim de assumirem deveres militares, tem direito a receber do Estado recompensa razoavel e segura, não tanto por elles como pelos que delles ficam dependentes, e não haverá um só membro da commuidade que deixe de sustentar um Governo que encare liberal ou mesmo generosamente as suas responsabilidades para com os cidadãos que se apresentam para defender a sua patria. Com o maiximo respeito subnettemos este, alvitre á benigna apreciação do governo do dia.

Vivam as instituições livres de todos paizes governados democraticamente!

Saudações fraternaes,

A Comissão Parlamentar,

- J. A. SEDDON, Shop Assistants' Union, President of the Trades Union Congress Parliamentary Committee.
- W. J. DAVIS, J.P., Secretary of the National Brass Workers' and Metal Mechanics' Trade Union.
- A. EVANS, Secretary the Printers' Warehousemen and Cutters' Trade Union.
- H. GOSLING, Member of London County Council and Secretary of the Watermen and Lightermen Trade Union.
- J. HILL, Secretary of the Boiler Makers' and Iron and Steam Ship Builders' Trade Union.
- J. JENKINS, Agent for the Ship Constructors' and Shipwrights' Association.
- W. MATKIN, General Secretary of the General Union of Carpenters and Joiners.
- W. MOSSES, General Secretary of the Pattern Makers' Trade Union.
- J. W. OGDEN, President of the Amalgamated Weavers' Association; Member of the International Textile Workers' Committee.
- J. SEXTON, Secretary of the Dockers' Labourers' Trade Union.
- A. SMITH, Agent of the Vehicle Workers of the London and Provincial Union of Vehiele Workers.
- H. SMITH, Agent of the Miners' Federation.
- W. THORNE, M.P., General Secretary of the Gas Workers' and General Labourers' Union.
- J. B. WILLIAMS, General Secretary of the Amalgamated Musicians' Union.
- J. E. WILLIAMS, General Secretary of the Railwaymen's Union.
- C. W. BOWERMAN, M.P., Secretary of the Trades Union Congress Parliamentary Committee.

3 de Setembro de 1914.
